



Abriu S. Carlos.

A abertura do nosso theatro lyrico veiu completar a serie dos acontecimentos que representam para Lisboa a fixação definitiva do periodo do inverno.

Esporada ansiosamente, com a ancia com que os herdeiros esperam a abertura d'um testamento, teve d'esta vez um grave inconveniente.

Foi o caso que, tendo sua ex.^a o sr. ministro da fazenda, commendado para Paris umas marcas deliciosas de «cotillon», para o seu baile de Cascaes, porque as marcas se demoraram no estrangeiro e a inauguração da epocha lyrica se approximava, as mais fidalgas familias a «haute gomme» da praia, debandou para Li-boa.

Nós não queremos acreditar os boatos espalhados por alguns collegas da imprensa, de que o baile de sua excellencia, soffreu a accintosa guerra feminina, que houvesse conspiração, a guerra surda dos «bou-toirs» guerra terrivel, mil vezes mais perigosa, quanto o inimigo é fraco, delicado, gentil.

O' não; apenas a coincidencia miseravel entre a demora das marcas e a abertura da Opera.

Porque haviam de guerrear o baile de sua excellencia? A tradicção gloriosa da sua proverbial delicadeza—esta, que é segundo todos sabem, o requisito essencial para as pessoas que dão bailes—garantia ao nobre ministro, uma concorrência das mais selectas e numerosos, iam a dizer uma enchente á cunha!

Os factos apontados, além de diminuirem sensivelmente o numero dos convidados, tiveram a grave inconveniencia de restringir a um limite minimo o numero das senhoras.

Não appareceram os ministros, e das legações estiveram apenas o sr. secretario d'Italia e o addido militar de Hespanha.





Como se vê a parte masculina, excedeu grandemente a feminina. Uma falta grave. Sobretudo, sendo as casas ornadas de hera, ornamentação que se prestava loucamente ao madrigal.

— Ex.^a, o meu amor, é como a ornamentação da casa do sr. ministro, sarmentoso e eterno!

— Não diga loucuras se-

nhor addido.

E como havia ainda flores outoniças penduradas, poderia acrescentar a illustre senhora:

— Vê aquellas flores outoniças, vê? e apontando uma d'halia: é assim o amor dos homens: muitos rofegos, muita cor, e... sem perfume, banal!

— Então seguir-se-hia uma prelecção do addido sobre o amor masculino, que não devia

ser nada má, attenta a especialidade d'estes senhores, em tão poético assumpto.

Mas como não havia senhoras, as conversas tinham de dar-se entre os homens, e as phrases que substituíam as de cima, ou semelhantes, tinham a aridez das usadas em escriptorio de commissões, ou nas proximidades da rua dos Capellistas.

— Então hera pelas paredes?

— E' um symbolo.

— Como assim?

— Imagem d'uns ministros que se agarram pelas paredes dos ministerios como a hera ás paredes das ruínas.

— Elle ahí vem...

— Delicioso o baile de vocencia.

— Sempre grande, sr. ministro quer maneje o gral das finanças quer agite a batuta magica das festas!

— Lembrem-se sempre, senhores, que pertencem a um ministerio que nasceu entre as tijelinhas suspensas, que illuminaram as ruas de Lisboa, por occasião do consorcio de sua alteza o principe D. Carlos.

E seguiu ávante.

Note-se que nós vamo-nos guiando pelos jornaes.

As marcas eram lindissimas, a ponto de apparecerem especializadas a da «serenata» a «dos relogios» e a da «valsa hespanhola». N'esta ultima o mesmo ministro, castanholou, com uma graça, um «entrain», que fez dizer ao addido de Hespanha: *caracoles! es un Figaro.*

Mas o «clou» da noite, o que lançou sobre toda a festa uma guilzalhada alegre de folia e de riso, foi a primeira marca.

Na «serenata» os homens tocam n'umas bandurras, esperam que se abra uma janella e com a dama que a ella assomar dança o cavalheiro que tiver nas costas da bandurra as côres correspondentes ás da janella que se abriu.



Ora pela falta de damas, succedeu que alguns homens tiveram de fazer de senhoras e assim aconteceu, imagine-se o effeito, que quando um grupo de bandurristas, olhos para a janella, dedos nervosos, impacientes, esperavam o par gentil, descerra-se a ventana, e apparece de fitinha verde no cabelo, e cabeção de rendas, o senhor José Luciano, o nobre presidente do conselho!

A' janella seguinte apparece o sr. Beirão...

Calcule-se a alegria, a gargalhada, o delirio.

Uma verdadeira festa.

A's 4 horas serviu-se, como recurso da amabilidade inventiva do ministro, uma deliciosa bebida de paz, disseram indiscretos, preparada pelas proprias mãos de sua exc.^a que como todos sabem foi habilissimo boticario

A' delicadeza de um dos convivas, intimo de sua excellencia, devemos a fórmula secreta do elixir, que segundo parece, refresca, faz nascer o cabelo e remoeça as cutis burguezas a ponto de semelhar ás mais aristocraticas e finas.

E' uma mistura de agua de violetas, extracto de lyrios e essencia de nicoriana.

O que ha de mais ethereo e fino, como se vê.

Esta é a ultima nota.

Imagine-se o que não teria sido o baile do ministro, se as marcas chegam mais depressa, ou a opera abre mais tarde. Quanto á conspiração das fidalgas, ás rivalidades de collegas, nem pensar mais n'isso.

Invejas!



Mas... atnal abriu o theatro de S. Carlos, com uns prognosticos de pateada, que appareceu logo na primeira noite, quasi ás primeiras notas.

A primeira recita, a da Aida, foi um verdadeiro desastre de que apenas se salvou Eva Tetrzzini e nos salvou de ficarmos completamente roubados em quinze tostões.

Assim foi bom: porque se houve uma Eva de que não se conhece o sobrenome que nos perdeu a todos, n'aquelle scenario opulento do Paraizo Terreal, haja, de vez em quando, uma Eva que nos salve o dinheiro das ingenuidades d'esta vida, em que tantas vezes cahimos.

Na segunda—*Trovador*,—salvou-se o tenor Signorini, que se supporta sem esforço. E na terceira—*Ernani*—revelou-se-nos uma notabilidade artistica o barytono Baptistini.

Já temos, portanto, trez artistas... de resistencia.



Consta que vai ser nomeada uma commissão, composta dos primeiros charadistas portuguezes, para interpetrarem a nova Reforma da Instrução Secundaria.

Espinheiro problema! Diz-se que vai evocar-se, pelo espiritismo a memoria de Matheus Peres, de Cuba.



E' raro que n'um theatro de Lisboa, ainda mesmo nos de 3.^o ordem, se dê durante as horas de recita uma scena de pugilato. Ha porém uma excepção flagrante. E' o theatro de S. Carlos.

Na terça feira ultima, o segundo dia de recita, lá houve a costumada surpresa:—dois espectadores jogando o socco. Este facto repetido, por muitas noites, durante todas as epochas, é apenas um symptoma da inferioridade, da falta de illustração, da decadencia das nossas classes superiores.

Para que se não diga que o salão de S. Carlos está abaixo do salão do Rato, em urbanidade e cortezia, pedimos aos fogosos frequentadores o favor de pensarem que os desforços vulgares, irreflectidos, baixos, são uma vergonha para o meio social em que se dão, uma vergonha, e o que é mais: ridicula!

Um pouco mais de bom senso.



Pedimos aos srs. suicidas o favor de não continuarem... nas tentativas. Já nos parece troça ás tentativas de duellos dos jornalistas portuguezes. Com cousas serias não se brinca, e além d'is so já passou a occasião.

Deem-nos outros assumptos: roubem meninas, por exemplo, morram de amores. E d'aqui a seis mezes voltem então á mesma; talvez já possam dar uma paginêsinha nova.

Entendido, senhores, semsaborões?

OS NOSSOS COMICIOS



Journalista republicano.
Ésta é a dorretor de los boios. Que fangos de oratoria, que talento de da sua parolito. Quando chegar a sua hora os reis bagreiros e os fillos, em publico desapparecerem nas foras... que rias loque elle ha de contar... e pass!

Comunista. Oha para issoo agulho com declam. Republicanos... rios boios como os monarchicos. Lema nosta que quer salar. O mundo está poder.

ESTAMOS NOS
MORRER
TATALHA!

A cigarrera. Onde haaver boueiros, borulho, cigarras a atar, gacha a ouvir, trocadilho, chafaga grosso, ella lá está de chales e bonco, a comer qualquer coisa, de aia curta e tallo aporrado.
— Agora falta aquelle gafo, vemos lá a ouvir! Éna que pendega.

Journalista da opposição.
Enthusiastico-se, approva. Para o anno... da opinião do collegio do gover.

O orador mouro. É a evolução; falta pauperismo, acanhado a oratoria seriedade. Tem mudo das irreflexões das cousas.



ALTO! ALTO!
O MUNDO ESTÁ PODEROSO!
O MUNDO ESTÁ PODEROSO!

PALAVRAS, PALAVRAS, PALAVRAS!
(De Hamlet)
ALEXANDRE DE GusMÃO

E QUEM NOS
LIBERTAR?

VENHA AGORA
TODOS SE TRABALHAR
E ASSUMIR

A Rosta. Vai com o amame, o marceneiro da praça. Vai a guarda o, não arme algum chifre e seja blindo. Teria de o sustentar no Linoeiro. Nada de griva.

Journalista do governo.
Não comprehenda como a auctoridade consente tantas intolencias aos ministros. Se fosse elle... oh! se fosse elle!

A oradora. Na minha qualidade de mulher levanto a voz a favor de meus fillos, os fillos de meu amor e das minhas convicções.
Apoiada! apoiada!

O chefe de familia. Razões dos ministros; protestos-dos moageiros; reclamações dos agricultores, rhetorica de comicio, somma total!... menos um pão p'ra familia.



O theatro de D. Maria II, apresenta-nos como prato de novidade duas comedias novas: «O prisioneiro sob palavra» e «As surpresas do divorcio».

A primeira comedia é uma semsaboria n'um acto, que não merece a critica. Quanto á segunda, vamos conversar, rapidamente.

Deixem-me louvar-lhe as qualidades boas. E' uma peça bem architectada e, se quizerem, descendendo até ao ponto de lhe achar graça... mas graça baixa.

Por Deus, não vão alunhar-me de «poseur», de despeitação, de pouco sincero.

Tudo o mais que eu possa dizer da comedia é em mal. Não é um estudo, não tem verdade, nem logica, nem critica, nem coisa alguma que a recomende aos leitores da *Comedia Portuguesa*, que queiram procurar no theatro, uma impressão salutar e honesta, um ensino, um exemplo, um estudo social. Não tem linguagem, não tem requisito algum porque possamos recomendal-a, a não ser, repito, a architectura, o que não basta, o que tem um valor secundario, perante as exigencias d'uma platea illustrada, perante as exigencias da tradiçào gloriosa do palco de D. Maria II, perante o dever dos societarios do mesmo theatro, recebendo, de graça o melhor theatro portuguez, que tem o dever de illustrar, — o dever moral; — e de não nivellar por interesses particulares aos palcos secundarios dos theatros de madeira e lona dos bairros pobres ou das feiras.



Sinto, sob minha palavra d'honra, o que digo; e escrevo debaixo da impressão tristissima de ver Brazão, o nosso grande, o nosso primeiro actor, o rival de Monnet-Sully, a dar, em scena, pontapés em bandejas e palmadas no abdomen dos collegas, com ares de faia em exhibiçõe de destreza.

Não é ridiculo, é triste, é inverosimil, é lamentavel.

Se amanhã um comparsa qualquer se lembrar de representar o Hamlet, cabe-lhe em cima o ridiculo e a graça trocista de toda a gente: porque não ha-de cair sobre Brazão, a responsabilidade de se mostrar desempenhando papeis secundarios, de comparsa, em «charges» disparatadas, falsas, inverosimiveis, apenas pela mira de seduzir um publico menos illustrado, se não é esse a quem elle deve as suas noites de gloria e a consagraçào do seu talento?

Acabou-se, acaso, no vasto repertorio theatral da Europa, a comedia e o drama, já que nós outros somos impotentes para produzir, a contento dos societarios, peças representaveis?

«A sociedade onde a gente se aborrece» e a «Guerra em tempo de paz» é tudo quanto se conhece do fino, do original, digno de qualquer theatro, que queira conservar a tradiçào do seu progresso, dos seus esforços, do seu nome?

Foi para cahir no papel do sr. Duval que o actor Brazão, se abalançou, estudando longamente, a representar o Quean, o Othello, o Hamlet? O grande actor está intimamente a concordar comigo, a reconhecer, em consciencia, que como peça de carnaval «As surpresas do divorcio» podia tolerar-se; como peça do repertorio é impropria, é indigna do palco em que se exhibe e dos actores que a representam.

Esta é a verdade.

A sorte, porém, quiz castigal-o, da irreflexão. Brazão, um actor comico de primeira ordem, está n'esta peça abaixo do seu merecimento. E' natural, «abyssus abyssum invocat»!

Eu, confesso-o francamente, não desceria nunca, possuindo o seu grande nome artistico, á representaçào de papeis d'esta ordem.

Depois a peça tem asperezas, ditos grosseiros, d'uma ambiguidade pouco limpa... mas sob este ponto é que eu não fallarei de modo algum. Então é que ninguém se convencia de que fallava sinceramente... e era um «reclame», que eu não desejo fazer.

Em bondade de desempenho, devo citar Brazão, Carolina Falco e Ferreira da Silva, em primeiro lugar. Os outros actores andaram, venha de lá o chavão: conscienciosamente.

Pouca vida é o que sinceramente desejo á comedia; repugnante acreditar que o theatro de D. Maria II vai entrar em concorrência com o Gymnasio e com a Trindade. No final sou um amigo, já vêem.



Mais um visconde: o sr. dr. Melicio. É sina que n'este paiz em um homem se tornando util por qualquer fórma hade por força ser aviscondado.

Chega a ser já uma preocupação. Ha ahi grandes talentos improductivos... com recio do titulo. Se lhes parece...





O Coliseu continua a ser o espectáculo favorito das crianças, e das respectivas mamans, que acham sempre muita graça ás repetidas graças dos engraçados clowns da companhia. E depois experimentam ali variadas sensações: riem dos palhaços, admiram os gymnastas, applaudem os cavallos, e tremem do elephante, quando agita a tromba.

Durante a semana exhibiu-se ali uma nova artista—Alcide Capitaine—que é um primor em equilibrios e na plastica.



Diz um collega:

«Um requerimento, firmado por grande numero de senhoras da classe rica e fidalga de Lisboa, solicitou do governo a instalação no convento das Grillas das *Escravas de Maria*. Esta associação tem por fim prestar culto sagrado á Virgem e ministrar o ensino ás creanças e raparigas pobres, embora os paes sigam esta ou aquella religião».

Perdão, minhas senhoras, perdão.

E' uma violencia o que pretendes fazer. Como pae compete-me, a mim só, educar os meus filhos na religião que eu entender dever ministrar-lhes. Ouvis bem? a mim só!

A religião que seguís é a de vossos pais. Estoes no vosso direito, deixai que os outros filhos sigam a dos seus.

Se violentaes a minha pobreza, para arrancar os meus filhos á educação religiosa, que eu quereria dar-lhes, sois tão miseraveis, como se os arrancasseis, á minha sollicitude, ao meu carinho, ao meu amor.

Perdão—Escravas de Maria—perdão!



A SETE DIAS DE VISTA

Teve um acolhimento muito benevolo, além de toda a nossa expectativa, o ultimo numero da *Comedia Portuguesa*, tanto por parte do publico, que o procurou ávidamente, como por parte da imprensa da capital, que foi unanime em acclamar o mérito do artista que illustrou as paginas d'este semanario e o do escriptor que as coloriu com a sua prosa elegante.

D'envolta com esses louvores, tambem o nosso modesto nome mereceu aos nossos amaveis collegas da imprensa umas palavras li-ongeiras. E nós, ao expressarmos aqui, por Julião Machado e Marcelino Mesquita, o seu vivo reconhecimento pelas referencias que lhe dizem respeito, tomamos a liberdade de consignar tambem o nosso agradecimento pelo que pessoalmente nos toca.

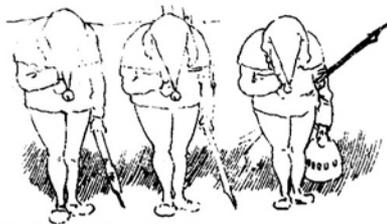
Os redactores — artistico e litterario — d'esta folha, e o auctor d'estas linhas enviam, pois, a todos um fraternal abraço de gratidão com os mais vivos protestos de sincera estima.

Se pagamos de prompto esta divida — apenas com o praso de sete dias de vista, inevitavel nos nossos pagamentos — não vão pensar, o publico e os nossos collegas, que é com a idéa de ficarmos quites.

Longe de nós essa intenção vulgar.

Nós somos uns singulares devedores, que pagamos, no desejo e na esperança... de continuar a dever.

S. L.





Recebemos uma agradável surpresa com a visita do nosso collega—*Los Mádrides*—que é também nosso *congenero*, e com a circumstancia para nós muito sympathica de ter encetado a sua publicação no mesmo dia em que saiu o 1.º numero do nosso seminario.

O nosso collega—*Los Mádrides*—publica-se em Madrid, é dirigido por Frederico Urrecha e illustrado por Cilia e A. Pens.

Agradecendo a sua visita, saudamol o com effusão, e desejamos-lhe tantas prosperidades quantas são aquellas a que nós aspiramos; isto... pelo menos.

O Almanach dos Palcos e Salas, para 1889.

E ainda a visita de mais alguns dos nossos collegas da imprensa diaria da capital e da provincia.



Diccionario.

Experiencia—Em amor, como em todas as cousas, a experiencia é um medico que só chega depois da doenca.

(*Mme de la Tour.*)

Fraqueza —As mulheres são fracas por que são sustentadas pelo coração.

(*Pythagoras.*)

Ração —E' o ultimo recurso do amor.

(*Helvetius.*)



Dôr

—A mulher que ri do marido, não pode amal-o.
Um homem deve ser para a mulher que ama um ser cheio de força e de grandeza.

(*Balzac.*)

Silencio

—O silencio foi dado á mulher para melhor exprimir os pensamentos.

(*Desnoyers.*)

Suicidio

—Ha homens que se matam porque as mulheres que amam não correspondem á sua paixão: são os tolos!

(*Rochebrune.*)



AOS Nossos ASSIGNANTES

Mais um cavaco:—Saibam vv. ex.ª que fallaram os nossos planos a respeito da distribuição da *Comedia Portugueza*.

A resolução, que tomámos, de a fazer por uns distribuidores proprios, obteve um exito infelicissimo! Foi um verdadeiro desastre—para vv. ex.ª e para nós—e que nos obriga a voltar... á primeira fórma.

O que faremos, porém, com o fim de evitar que vv. ex.ª recebam o jornal mais tarde do que o comprador, é mandal-o para o correio algumas horas antes da venda nas ruas. Temos tudo prevenido n'esse sentido, esperando que o exito corresponda aos nossos desejos.

Creiam vv. ex.ª que não regatearemos despesas nem nos furtaremos a todo o trabalho, quando se trata de lhes sermos agradavel, como nos cumpre.





10 Novembro

Agora que decididamente, o inverno chegou, com o acompanhamento forçado das noites tempestuosas, que lembram com saudade os salões tepidos, os espectáculos, como seria grato recomendar uma peça de sensação!

Ai, pobre leitora, uma peça de sensação entre nós, é mais rara do que o camello no deserto!

S. Carlos apenas é capaz de galvanizar, intermitentemente, esta indiferença tão nossa, esta indolencia epidemica.

Consola-te, porém.

Segundo todas as probabilidades, devemos ter esta semana que vem uma serie de surpresas em S. Carlos. Diz-se que vae a *Aida* e provavelmente o *Ernani*, e se a—constipação—nos fizer a graça de poupar por dois dias algum dos cantores é quasi certo delectar-mo-nos com a audição do *Troyador*.

Uma semana cheia. Realmente não podem ter sido mais bem applicados os dois contos e quinhentos mil réis de subsidio do governo. Mais do que isto devem ter gasto os cantores... em capilé e pomada de belladona.

Coitados.



Marqueza de Vianna.—Envolta no esquecimento cruel com que a pobreza envolve ainda aquelles que em tempos reinaram pela elevação da estirpe ou pela ostentação da opulencia, morreu, no abandono dos desherdados, na solidão desconfortavel dos indifferentes para quem chegou a ultima hora, a marquessa de Vianna, descendente de uma das mais nobres familias de Portugal.

Vinha a pêllo uma dissertaçõsinha, sobre o nada das coisas terrenas, a inconstancia da fortuna, a egualdade perante a morte, a nivelção de todos os corpos perante o tragico nivelamento do fim commum.

Eu poderia ainda explorar o caso, para dirigir aos nobres uma exhortação christã, lembrando-lhe a phrase do Mestre: —no reino de meu pae,—os humildes serão elevados e os grandes humilhados—; para lhes pôr ante os olhos que não é só n'aquelle reino que o caso se dá, mas ainda no de sua magestade El-Rei D. Luiz I, que não é precisamente, o reino do Senhor.

Porque ha pouco, ao passar em Belem, encontrei a sr.^a marquessa de Vianna, a velha fidalga, que ia para o cemite-rio puxada por duas azemolas tinhosas e enlameadas e a sr.^a viscondessa de Qualquer Coisa que ia para Algés, puxada por dois hanoverianos magnificos, cõr de café com leite.

A sorte caprichosa bordava no escudo da portinhola da viscondessa uma libra esterlina e raspando a aguiã, humilhada, dos Viannas introduzira no campo do escudo um pataco de João VI.

Pobre marquessa.



Estes curiosos destemperos do destino, ou do acaso, como quizerem, tiveram esta semana vasto exito. Nas casas em demolição, na praça de Camões, encontra-se no vão d'uma escada, o que imaginam v. ex.^{ta}?

Um rato morto?
Um monte de lixo?
Uma panella velha?
Um fêto?
Qual! um thesouro!



Um thesouro authentico, em peças de uma cara, em peças de duas caras, (d'estas andam por ahi muitas pela rua, mas não tem circulaçãõ) e ainda em outras qualidades de peças sem cara alguma.

Causou uma profunda impressãõ.

Tem-se descoberto, cavando aqui e alli, muita coisa em Portugal: alcances nos bancos, quebras fraudulentas, enganos nos orçamentos do estado, as razões porque fulano deitou trem, motivos porque D. sicrana gasta um conto por mez na modista e muitas coisas mais.

Mas thesouros, só nos mortos e esse de bondade e de virtude: de bello ouço, é o primeiro, ha muitos annos.

De modo que n'um vão de escada, entre caliças, rodeado de lixo, encontra-se um thesouro: e no thesouro portuguez, ia apostar um contra cem, *em como, a estas horas, pode encontrar-se muita caliça e muito lixo, mas ouro de modo algum!

Anda tudo ás vessas.

Que isto de se ouvir continuamente fallar na arca do thesouro entre nós, é uma figura de rethorica, ou pelo menos uma contracção vulgar da frase seguinte: —a arca onde se suppõe que deva haver um thesouro, attento o progressivo augmento dos impostos e a subida ao poder dos successivos ministerios que tem por artigo primeiro e irrevogavel do programma politico:—as economias.

E' verdade que os ministerios tem uma desculpa plausivel. Como nunca encontraram a tal arca, é claro, que não podem deixar um thesouro n'uma coisa que não existe!

De modo que será mais facil descobrir, ainda hoje, onde pára a arca de Noé, de que dar em Portugal com uma arca que pertença á nação, com um thesouro dentro.

Um thesouro? não é má: isso é para os vãos de escada, homem!





Descoberto o thesouro correm versões :
 O dinheiro é para os operarios.
 O dinheiro é para o sr. Bartissol.
 O dinheiro é um terço para os operarios e dois terços para o sr. Bartissol.

Cheio de curiosidades corro ao Codigo Civil e leio :

«Artigo 423.º—Se o que achar o sobredito deposito não souber cujo é, e não se conhecer evidentemente que o dito deposito tem mais de trinta annos de antiguidade, fará annunciar o achado na *Gazeta da Relação* do respectivo districto, e se o dono da coisa não apparecer dentro de dois annos, ficará esta sendo propriedade do achador, no todo ou em parte, conforme o que vae declarado no artigo seguinte».

Devem confessar que depois de ler este coceguinto paragrafo não se resiste a ler o seguinte. E li :

«Artigo 424.º—Se o dono da coisa fôr desconhecido, e do proprio deposito se evidenciar que foi feito ha mais de trinta annos, ficará pertencendo inteiramente ao dono do predio onde a coisa foi enterrada, ou escondida, se elle pessoalmente a achar; e, achando-a outra pessoa, pertencerão dois terços ao dono do predio, e um terço ao achador.

Está conhecido o destino da coisa.

Eu gostava immenso de vêr cumprir este artigo se a coisa achada fosse, por exemplo — um guarda chuva!

Decididamente, vou ler o codigo todo.



Viagem de recreio.—O sr. L. de A. descreve-nos em termos cheios d'um enthusiasmo, aliás justificado n'um escriptor portuguez, fallando de jantares, o delicioso passeio que o sr. Moser e os seus amigos, em cujo numero entrou o sr. ministro da fazenda, se dignaram fazer à Batalha.

N'um dos claustros, segundo o mesmo chronista, estava armada, vistosa e distincta, uma mesa para oitenta talheres.

Alli terminou a peregrinação da alegre comitiva a refazer-se das agruras da viagem, como outr'ora os velhos e cançados marinheiros de Camões, na formosa ilha dos Amores. Comeu-se bem; riu-se muito, houve saudes, brindes, discursos doces, e ao anoitecer illuminação do claustro e marcha com archotes.

Deliciosa a festa, formosos rostos de mulheres, saltitante de graça, perfumado e aristocratico o dialogo. Uma festa primorosa.

Felicitemos o sr. Moser e a comitiva; mas temos que dirigir ao sr. Navarro, ministro das obras publicas e a sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa, umas ligeiras perguntas.

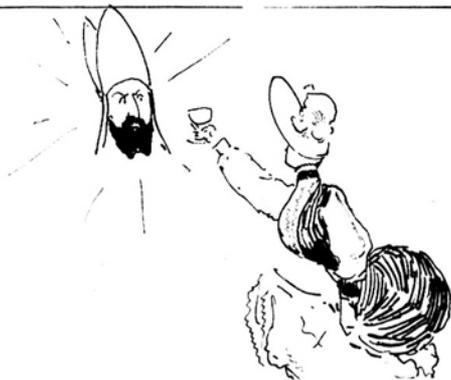


Sabe toda a gente que a Batalha é o mais respeitavel, o mais valioso, o mais extraordinario dos monumentos portuguezes. Levantou-o a devoção do rei mais cavalheiroso de Portugal; representa na sua grandeza insolita o valor e o genio portuguez do seculo XIV. E' metade, deixai-me dizer, da epopèa da nossa historia que o mosteiro dos Jeronymos completa. A sua delicada austeridade impõe a concentração, a fé, mas o que é mais o respeito!

Como é pois que o sr. ministro das obras publicas consente que se vão fazer patucadas para a Batalha, com a mesma liberdade com que se poderia ir fazel-as para o Dá-Fundo ou para a Coxa da Piedade?

Como se comprehende que sua excellencia leve a complacencia a permitir que o claustro do primeiro monumento artistico do paiz tenha a serventia d'um parreiral fóra de portas, a utilidade gastronomico-grotesca da Perna de Pau ou da Rabicha? Importava a grandeza d'aquelle banqueto o opulento sonho de pedra de Alfonso Domingues? A sala do jantar d'uma hospedaria, não basta para enquadrar o brilho d'uma maxilla aristocratica triturando uma aza de gallinha? E' l'he indispensavel a mise-en-scene medieval illuminada a magnesio?

V. Ex.ª, sr. ministro, não o deveria ter consentido; como, de certo, se não consente a mais ninguem!



Agora duas palavras a sua Eminencia.

Como consente Vossa Eminencia, que salte o Champagne nas taças profanas, com o ruído peccaminoso dos bailes e dos restaurantes, n'aquelle ambito sagrado?

Como permite, que alli, onde devem ressoar apenas os canticos divinos, ao lado do templo, no meio das arcarias de pedra; levantadas por mãos piedosas, se elevem as saudações terrenas, os gritos dos festins?

Consta a V. Eminencia, que se façam patuscadas de peregrinos em Notre Dame de Paris, em S. Marcos de Veneza, na cathedral da Colonia, no Vaticano?

E' licito permittir no recinto sagrado d'um mosteiro, estes desfastios terrenos, estas scenas que por mais delicadas, tem em si proprias a propriedade de profanar, interdizer os logares, que a agua benta dos levitas sagrou, tornou proprios, exclusivamente, para os actos do culto, para as cerimoniaes sagradas?

Acaso pode alguém, ainda que seja um ministro, dar amanhã um almoço na nave central da Sé, ou um baile, em costumes, na igreja de S. Domingos? Nada soffre com isso a sanctidade do logar, nem a religião do estado, nem o prestigio purpurno do largo chapeu desabado de Vossa Eminencia? Oh! eminentissimo senhor: vós que prohibistes que as mulheres cantassem nas igrejas, ides consentir agora que vão para lá dar ao queixo, namorar, comer trouxas e bebericar Champagne?

O Champagne, meu senhor, o vinho que ri nos copos, que faz cocegas no paladar, o vinho sensual, o vinho do peccado?

Ou anathematizai a impiedade do ministro, ou abri os claustros de S. Vicente e dos nossos templos, no verão, ás necessidades da merenda popular, como succedaneos das hortas. A primeira solução exige-vol-a o vosso logar; a segunda a vossa coherencia. Escolhei.



Justiça militar.—Dois officiaes de cavallaria, em destacamento, — um capitão e outro alferes — travam-se de razões e descompõem-se reciprocamente. Em virtude do que o capitão queixa-se por escripto ao quartel-general de que o alferes lhe tinha faltado ao respeito, e o alferes queixa-se, igualmente por escripto, do capitão roubar o rancho dos soldados e a ração dos cavallos, querendo-o envolver a elle nas responsabilidades d'esses roubos.

Os dois officiaes são chamados a conselho de guerra e ahi absolvidos ambos, não conseguindo apurar-se, apesar das provas escriptas,—ô surpresa!—que nem o capitão nem o alferes eram... culpados!



Desde pela manhã até depois,
Já depois de sol-posto, este carneiro,
A berrar dez mil vezes, trinta mil:
Nove, trezentos e quarenta e dois!...
Maldito cautelleiro!

Oh policia... incivil
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade!
Falo-vos a verdade:
Declaro-vos que um dia...
A' falta de revólver, vae tinteiro!

Lancem-me embora imposto de dinheiro:
Imposto de massada é tyrannia!

João de Deus.





O patriotismo é um sentimento sublime. A primeira a grande necessidade d'um patriota é a liberdade da patria. Como se obtem?

Pela grandeza dos seus homens, emanada da força das suas virtudes, moraes e civicas!

Fallemos das ultimas. Em Portugal não ha convicções politicas, não ha voto consciencioso, não ha opinião publica. D'aqui nasce que o amor da patria é um mytho, porque ter amor á patria não significa apenas ser capaz de combater por ella, n'um campo de batalha.

Fazer alarde de amar a independencia da patria e deixal-a morrer n'uma decadencia visivel, pela abstenção da lucta, pela inercia, pelo egoismo, parece-nos preoccupação pueril, ridiculo es-pavento de problematicas virtudes.

Formou-se uma associação, para diffundir sciencia, para espalhar gymnasios, para apostolar a moral, para premiar o valôr, o trabalho, o talento, a coragem? Não consta. Qual é então a fórma porque os patriotas portuguezes pretendem radicar na alma popular o sentimento da independencia?

Risum teneatis; leia-se:

Festa do 1.º de dezembro

«Na Sociedade Cooperativa 1.º de dezembro, foi approvada por unanimidade uma proposta do sr. José Anastacio, socio iniciador d'esta associação, para se officiar a todas as sociedades philarmônicas, afim de se reunirem na madrugada do dia 1.º de dezembro no largo do Poço Novo, proximo á sede da sociedade, para seguirem todas tocando conjunctamente o hymno da Restauração e dirigirem-se á praça dos Restauradores, para fazerem a venia ao monumento, com o mesmo hymno patriótico.

E' de crer que esta iniciativa do sr. José Anastacio terá a coadjuvação de todas as philarmônicas, nostrandoo assim uma prova de boa camaradagem e um meio de reconciliação.»

Eis aqui. Alinhando todas as philarmônicas madrugadoras e pespegando com ellas na madrugada do 1.º de dezembro a fazer uma venia ao monumento. Nada mais simples e mais educativo, mais capaz de nos fazer vibrar aos santos affectos da patria, do que cento e cincoenta trombones reverentes, ante uma pyramide de marmore. Mas senhores, empregar o trombone como argumento, isso só na praça de touros, quando falham as sortes, e ainda ahi tem desculpa o artificio, são os cegos que tocam!

E ainda em cima com philarmônicas pouco unidas. Imagine-se: quando tocam de accordo ninguem as pode ouvir, que fará se não se reconciliam antes do dia! Lá vai abaixo o tunel!

As grandes ideas, os grandes principios, exigem no culto externo exceptionaes grandezas e apparatus.

Tudo o que não fôr isto ridiculiza a melhor intenção e o sr. José Anastacio prestava á idéa da independencia um serviço muito superior se em vez de convidar as musicas a fazerem venia ao monumento lhes mandasse de presente uma historia de Portugal.



O sr. Das, hypnotisador que entre nós faz clinica, com o diploma de Piza, e dá sessões publicas de hypnotismo, com o applauso dos ignorantes em tal assumpto, foi agraciado com o collar e medalha d'ouro da Sociedade de Geographia.

Francamente não descortinámos a razão da graça. Não nos consta que sua excellencia tenha descoberto, por suggestão, a passagem do polo, as origens do Nilo, ou a paragem de Stanley. Se foi por vir da Italia a Portugal, ha por ahi muito cantôr de S. Carlos a quem injustamente se tem negado o collar e a medalha.

Que sua excellencia, fizesse uma descoberta, no campo scientifico que explora, recreativamente, não encontramos e podemos asseverar que não fez. Podemos até affirmar que sua excellencia ignora (ou os não quiz mostrar, o que não é provavel n'um apostolo) os fenomenos praticos, de utilidade mais vulgar, da hypnotherapie.

Onde sua excellencia fez verdadeiras descobertas foi no campo da chimica e da psychologia. N'estes sim. Assim o dr. descobriu que o alcool etylico é o alcool de 90º! e que a suggestão mental é a prova da existencia da alma! N'este campo é um explorador ousado que não fica atraz de Capello e Ivens pelo continente negro.

Se foi por estas duas descobertas que a Sociedade de Geographia lhe offereceu o collar e medalha, andou perfeitamente; mas devia ter-lhe offerecido com o collar a chimica de Naquet, e com a medalha a Força e Materia de Búchner ou as lições de physiologia de Claude Benard!

Por causa d'umas duvidas.



Hypnotismo...—*Justino*.—A questão é complexa, mas ha um processo resolutivo. Imaginem os meus amigos...

Claudino.—Dize lá, menino!

Faustino.—Vae dizendo, filho!

Justino.—As faculdades suggestivas, por assim dizer, actuam sobre a experimentabilidade hypnotica dos seres concretos substancializados na região epicurea dos mythos... Vossês entendem?

Claudino.—Tu fazes da gente tola!

Faustino.—Ora, bolas!

Justino.—Ora pois... d'isto se deduz que a concretisação das moléculas sub-cutaneas crystallisadas na concreção do eu moral subjectivo produzem a consubstanciação do eu pathologico... Vossês percebem?

Claudino.—Oh filho!

Faustino.—Cebo!

Justino.—E portanto, claro como o que ha de mais claro, o Pas, o Tras, o Das é um precursor desorientado, sem concatenação e sem correlação psychica com os ideias da Grecia e da Abyssinia. Se ha quem discute, que appareça!

Claudino.—Oh, menino!

Faustino.—Oh, filho!





Entre a arvore e a casca.—Um caso que tem preocupado, vae para quinze dias, os bastidores, os noticiarios e a Agencia Havas. N'um theatro do Porto caiu uma prancha sobre a actriz Amelia Garraio. Telegramma da Agencia Havas:—«Quebrados os dois braços da actriz. Sobre a prancha estavam 20 homens.»

Protestos do noticiario:—«A Agencia Havas trama contra a empresa theatral as mais torpes alevisias. Na prancha estavam 8 homens.»

Rectificação da Agencia:—Sobre a prancha que cahiu sobre a actriz Amelia Garraio estavam apenas 8 homens. Não ficou tão molestada a actriz como podia suppôr se. Apenas contusões.»

Até hoje, oito dias volvidos sobre a emenda, o numero dos homens supportados pela actriz supra não passa de 8. As contusões não são coisa de cuidado.

Nota da Agencia, á ultima hora:—«A prancha ficou cheia de contusões...»

O leitor não percebe. Nós sim, percebemos, porque temos visto muito mundo.



Pois senhores: ao meio dia, em plena rua do Ouro, uma *facadinha mortal*, é caso para nós suspirarmos por uma noiteada escura nos antigos dominios do Faca de Matto, ou do José do Telhado!

O triste caso é já conhecido. A *reportage* indigena fez a sua obrigação, espraizou-se em pormenores, interrogou o assassino, descreveu-lhe as feições, passou-lhe já o diploma de larvado e só lhe falta... julgal-o em ultima instancia.

Por isso nos abtemos de considerações a proposito do desgraçado acontecimento, lamentando apenas que elle se desse n'uma das ruas mais concorridas de Lisboa, sem que fosse possivel evital-o, apezar de apparecerem testemunhas que dizem ter visto o assassino a correr com uma faca na mão!

Parece termos voltado ao tempo em que um celebre diplomata estrangeiro, que residia entre nós, nunca sahia do grémio sem mandar averiguar pelo seu criado... se já se déra a *facadinha* do estylo.



Recebemos e agradecemos: — O n.º 5 da excellente publicação illustrada *Los Madriles*.

O 1.º fasciculo do romance «*A Vingança dos Reis*» de Roman de Lima, traducção de José Augusto Pimenta, com primorosas gravuras, edição de Francisco Pastor.

A *Coimbra Medica*, revista quinzenal de medicina e cirurgia, que se publica em Coimbra, dirigida pelo sr. dr. Augusto Rocha, lente da Universidade.

A *Semana Illustrada*, publicação litteraria e illustrada, dirigida pelos srs. Augusto Pimenta e Amorim Pessoa e editada por Francisco Pastor.

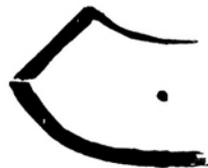
Tivemos tambem a visita de um folheto em verso, de Augusto de Lacerda — «*A lei da exhaustoração militar*» a proposito do ultimo julgamento e condemnação do alferes Marinho da Cruz. O folheto tem estrophes de bastante verdade e sentimento. Agradecemos a offerta.



A ultima hora

O nosso estimado collega *O Reporter* publicava hontem o facalhão com que foi assassinado o *Olho Verde*.

Temos immenso desejo de transcrever aqui o fatal instrumento, mas, attento as curtas dimensões da nossa folha, só o podemos fazer em pequenos periodos.



(CONTINUA)

o tempo a.

Regina Paccini



O theatro de S. Carlos quiz protestar contra as nossas informações do ultimo numero e deu-nos a *Mignon* em que debutou Regina Paccini.

Por indole do nosso jornal, pela verdade com que nos orgulhamos de fallar não vamos tecer á infantil cantóra uma longa chronica encomiastica.

Ella merece, porem, um logar na galeria das nossas «estrellas» porque tem certo um brilhante futuro, e porque, tendo nascido entre nós, pertence ao pequeno numero das nossas mulheres que se tem elevado pelos dotes pessoais.

Recuzar-lhe o nosso applauso seria injusto e mesquinho: se nos não curvamos, sem restricções, perante o idolo, não regateiaremos o louvór tantas vezes merecido e que o futuro se ha-de encargar de avolumar perante os dotes excepcionaes da gentil cantóra.

A' bon entendeur, salut!



A chegada.—Todos nós sabemos como se odeiam, aparentemente, a bem da rhetorica nacional os dois partidos militantes de Portugal. E digo a bem da rhetorica nacional, porque os outros combates, os combates de idéas e de principios, são meras formulas com que os governos antecipam as votações altivas e liberrimas das suas maiorias! Oh!

O que sae, cada anno, do ventre da representação nacional, é o trôpo engraixado a capricho, é a prosopopeia rejuvenescida, vestida de branco, de cabellos louros, bella, ai, bella a fazer enlouquecer um juiz do supremo tribunal ou o bacharel novato que a encontra pela primeira vez a dobrar a esquina d'um projecto sobre o atum.

Tudo o mais fazia-se e obtinha-se sem representações, o que devemos confessar seria mais rapido e mais barato.

Mas o odio dos partidos esse persiste e avigora-se no palco das Camaras para esmorecer nos corredores e desdobrar-se, alfin, em intima amizade, por salões de dança, recepções familiares e redacções de jornaes.

Apparentemente, porém, é preciso mostrar odio, má vontade, em publico, e intrigar o partido contrario com partidas, verdadeiras garotadas, pensadas á banca do jornal, ou nas cavaqueiras dos «centros».

Assim quando apparece n'um dos partidos um despeitado, o partido contrario trata logo de lhe dar razão, de o apoiar: está visto, não o querem, hein? Compete-lhe, meu amigo os seus direitos... os direitos de sua excellencia, pois então?

E protegem-no, amparam-no, ameigam-lhe a cabeça pousada no colo do partido... injustiça, vilania, exclamam!

E em segredo: o que v. devia fazer era arranjar um partido novo; digo-lhe isto... um partido novo e nós cá estamos.

—Não tenho partidarios.

—O que? quando cae um governo em Portugal ha tres classes de partidarios, em disponibilidade.

—Como assim?

—Tontinho: os que não foram servidos pelo partido que cae; os que pretendem pela primeira vez; e os que não sahiram ministros no ministerio que entra! São 6 ao todo? pequeno é um fosforo e incendeia um palacio! Os discipulos de Jesus eram doze. V. não precisa pregar em todo o mundo, basta pregar no paiz: já vê que seis apóstolos, mais ou menos catraeiros, chegam e sobejam.

E o novo partido surge! E o paiz pergunta: Mas que partido é este? E' um bocado que cahiu do outro, estava rachado! Ah!



Ha um mez, passando pela rua Garrett, sempre interessado pelas cousas da minha patria, subi ao centro «da esquerda». De-parou-se-me o porteiro, olhando-me espantado.

—O sr. Barjona, não está?

—Saberá Vossoria que não.

Eu já sabia, foi para metter conversa.

—Diga-me quantos partidarios, quantos guerreiros se exercitam lá dentro no Voltarete e no Wisth, para as pugnas da patria?

—Ha dois mezes e meio, meu senhor, que é v. ex.ª a primeira pessoa que sobe a escada turtuosa da cidadella!

Então os soldados da Esquerda?

—Não sei; as poucas pessoas que cá tem vindo são todos paisanos. Soldado só um dia aqui veio um queixar-se do hemorroidal!

—O que, homem?

—Confundi o nosso centro com o posto do 2.º andar.

—Ah! E eu fiquei fazendo uma ideia grandiosa do partido que alugava um primeiro andar, no Chiado, e o mobilava para habitação d'um pobre filho do povo! Como as ideias democraticas da Esquerda me pareceram firmes e direitas!



Mas puz-me a pensar; dado o conhecido odio de progressistas e regeneradores, dada a hypothese de El-Rei chamar o sr. Barjona a um ministro, por indicação progressista, nós vamos ter uma scena que lembra a que Dumas pae, descreve no *Deus Dispõe*, com, Samuel Gelb.

Lembram-se os leitores? Os estudantes d'uma Universidade allemã debandam todos á ordem de Samuel e vão formar uma outra Universidade em que este é professor de todas as disciplinas.

Assim acontecerá com o sr. Barjona, e leremos no *Diario do governo*:

Novo ministerto

Reino e presidencia das 8 ás 10	Barjona de Freitas	Secretario
Marinha e ultramar	» 10 ás 11	» particular
Guerra	» 11 ás 12	» com exerci-
Obras publicas	» 12 á 1	» cio nas pas-
Justiça	» 1 ás 3	» tas: Fus-
Estrangeiros	» 3 ás 5	» chini.

Parece a conjugação d'um verbo irregular!

Se este ministerio não fosse viavel tinhamos de prender gente para ministro e segundo a letra d'uma cançoneta no theatro do «Variedades», fallecido, teriamos mais um motivo para os suicidios. Dizia lá, um sujeito do nosso tempo, que fôra embalsamado e accordara, ao perguntarem-lhe noticias do nosso seculo. Na minha terra:

Faziam ministro
Fosse elle quem fosse:
Um pobre gallego
Não quiz e... matou-se!

Uma prophesia, n'um libreto buffo.





Eu tinha escripto estas cousas, antes da chegada do sr. Barjona e agora imaginem v. ex.* a minha surpresa quando me vieram dizer que a esquerda dynastica, contava, em seu seio, tres mil adeptos e tres philarmonicas. Uma philarmonica por cada mil almas. Foi o caso que:

Como muita gente pensasse, illudida como eu, que o partido—Esquerda Dymnastica—era composto, o muito, por umas seis pessoas, o sr. Barjona quiz mostrar ao paiz que estava completamente enganado.

E vae d'ahi, manda dizer aos seus amigos—esperem-me!

Eu espero.

Tu esperas.

Elle espera.

esta conjugação deu em resultado, o esperarem, na estação, segundo dizem todos, perto de tres mil pessoas. Vejam v. exc.** o que é o poder da imitação! Tres mil pessoas que saibam entender o que lêem não ha em Portugal. Tres mil partidarios, não os arranjam todos os partidos nacionaes... nem com os miguelistas. Tres mil.

Isso sim!

A não serem os ministros, do momento, cada partido, em Portugal, como partidario fiel só pode contar com um individuo:—é o que está a ser obsequiado na occasião—. Em estando servido já é d'opinião contraria!

A que deve pois o sr. Barjona ter assistido á mais excentrica e rara das multiplicações de partidarios? E' elle acaso como o Messias que multiplicava os peixes? Ou tem os esquerdistas a propriedade de surgirem como cogumellos em noites de choviscos?

Temos o maior respeito pelo talento do sr. Barjona; mas sua excellencia comprehenderá que não se resiste facilmente á cocega dos seus tres mil partidarios e das tres philarmonicas a fazel-o Messias, á força! Não houve Bandarra que o annunciasse, ex.*** sr., e n'este paiz, Messias sem Bandarra-arauto só conhecemos o sr. Marianno, e esse mesmo tem Antichristos... por exemplo... os padeiros!

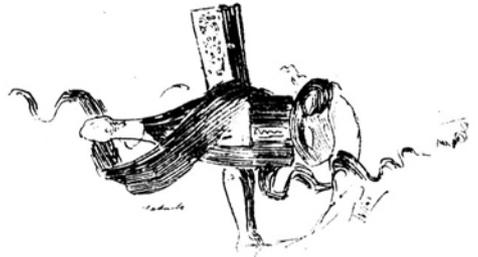


Suicídios.—Suicidou-se um major, por cansado da doença. Achou que não valiam todas as virtudes therapeuticas das drogas medicinaes, a virtude d'uma bala conica atravessando o cerebro.

Opiniões radicaes!

O major, o soldado, morreu com uma bala na cabeça. Não é nova a maneira e dá nos a grata certeza,—que a eterna paz em que vivemos, ás vezes, tenta minar—de que o soldado portuguez encara a morte como um valente, quer no campo da batalha, oppondo-se altivamente á marcha do inimigo, quer n'uma cadeira de braços, sustendo de vez a marcha chronica d'um catharro de bexiga.

D'aqui se deriva que se ha calculos respeitaveis são os da bexiga, e que não é licito a ninguem, sob pena de mau gosto, fazer bexiga dos calculos.



Da maneira porque os jornaes contam o caso do suicidio da original mundana, cujo nome é inutil repetir, eu chego á extraordinaria conclusão de que ha pessoas que se matam em lugar d'outras, por mere delicadeza, assim como quem vai abrir obsequiosamente a portinhola d'uma carruagem.

Curioso!

Disse toda a imprensa: B. vivia com um homem que a amava e a quem ella, segundo se verá pela sequencia do romance, não correspondia igualmente; e vivera com outro que ella amava. Este outro rondava de novo o ninho venturoso e no theatro, ella, a pomba não esquecida, olhara o tamente.

O que vai resultar d'aqui? de novo o sempre amado, o que rolava a deshoras pela penumbra da rua, entrar venturoso, de paço inchado, a revirar-se, no suspirado ninho.

Ella amava-o, era independente, porque não?

E prevê-se o amante preterido, prezo de mil torturas, de raias de Othello, pensar na fraze de Dumas, ou na resolução do major.

Mas não, ó caso infando, elle vai almoçar socegradamente e é ella que aponta ao peito o revolver, ella a mulher amada, por dentro e por fóra, em casa e na rua, que faz paralisar um coração que pulsava nos antegozos das reconciliações indiscriptiveis.

Estupenda logica! Ninguem se mata por poupar a outrem esse trabalho.

A preparação d'uma scena d'effeito, a curiosidade, disparou casualmente a arma manejada por mãos inexperientes. Por ser amado ninguem se mata.

Vem na Biblia o melhor exemplo. Salomão que tinha a bagatella de setecentas mulheres, ainda andava a fazer versos á Sulmonense.

O coração meridional! ha lá nada mais parecido com uma hospedaria!

M. M.



ATRAVÉS DE MINOCAL (COL. 1)



Senhora do sal laife. —
Vae só ás sextas feiras, porque
vae a prima baronessa o lio
comendador. Está-se bem :
conversa-se, e vê-se gente co-
nhecida. Tem otonio de moper-
tar bem, porque em Citara con-
tuma ir á Pente — de burro.
Em todo o mais é d'esta força.



A anastigante.—Compartilha de Affon-
so na de Frascuco e de D. Benito, o primar-
ro clon.
Os parterros já a conhecem. Quando ella
passa sorrem amigáveis e respeitossos e cam-
pimentam n'a *Avançar modest!*
El'atendimento das cabriolas dos palha-
ços. Tem olhares altivos para as especta-
das burguezas dos camarotes e um sorriso
para todos os homens *Non gastes que a si-
tam.*
A mãe alha ou de sociedade mas presta mais
attenção ao espectáculo, e a cada cambalho-
ta mais perigosa do acrobata resmunga em
bons portuguezes poi entre os dentes covar-
deados, torcendo a bocca n'um
sorriso, idiota !
*Ora o diacho do
homem.*

Se a convi-
dades para o fa-
fite não hoites,
bate as palmas
e pede—para a
filia—uma gra-
velia e um sy-
phico—para a
mãe um erg
morno.

Viscondessa de sua prima em 1.º grão.
E' amigo do *exceper* e administrador de to-
das as *vulgarizes* que elle agradecem com
sorrisos cançados as palmas com que os
obriga a voltar aos pulhões é *sepra.*
Sustenta um cavallo — o que faz a indi-
cação do *alfayate.*

O fraguez da geral.—Entra depois de
começada a a' parte (se não conseguiu ven-
der todas as seohas). Está perfeitamente á
sua vontade.
Se no inverno não houvesse Colyseu o
que seria d'elle, sem as touzadas !
Conhece todos os *artistas* da Companhia
e adopta o estribulo do palhaço em voga.
Depois do espectáculo não
abandona a porta:
O' sr. Galles, se não quer
ir a pé com a madama—está
allí o *coupé* do Roque...

A meulna Henriques
Construera de modicas
com um dos caixeiros, q
anda a prometter casar
ha anno e meio.
—Dulgo?
—En gosto e tu ?
—Eu tambem gosto,
sim toda a noite.

Os bebés.—As suas gargalha-
das alegres e frescas animam es
clowes.
Uma noite cheia. No dia seguinte :
—Tu fazes de alchante, é Tifim...
—Mas não ha-de bater com força, ou-
viste ?

O gymnasta.—Walsa e faz a peitoral nas
argelas.
É conhecido pelo emperzario e pelos
clowes que o tratam por tu.
Conta proezas extraordinarias dos seus
musclos d'arco. D'uma vez, n'um casté de
musclos— ainda no tempo da feira de Il-
lam — quebrou quatro bancos na cabeça de
um chelo que—apert d'isso— rajou de
uma malha de tres moles... Se não fosse
o D. Joaquin, primo do commissario geral,
estava em bons lençes.

A' porta da tabacaria
é o flagello das mul-
heres que passam. Mas
alguem se arrega com as
primas quando vão com
elle.

Azedo, rheumatloo
o arrudado. — Res-
posta constantemente:
—Palmas! Nunca vi-
rum nada antes destas!
Se vissem o Alfano e o Secchi !
[Bravo ! Bravo !] Sim, senhores ! Bravo !
Mulheres sem penas ! Se vissem a Michet-
ti ! Onde diacho metteriam as mulheres as
pernas de Michetti !

A Fellesuma.—Com o seu
marujo. Um lenço cheio de cas-
tabas; de apichos e fobos.
Foram para os boscos. E o
complemento do jantar na Per-
na de Pau.
Um dia cheio.

Allí é que ella conheceu o
Alfredo, o Raul e tui quonh,
he tem ajudado a esquecer
as amarguras do exilio, as sau-
dades de Trina.
Uma alna solitaria que busca
o par, para a grande walsa
da vida.
O' vos que passaes...

A lioira Justina.
Chamam-lhe por graça, e
cõdeem-na, porque é prosta-
da e conde...
Vae por desfastio, para se mo-
sentir cortejada, para se mo-
sentir ouzuda e conselheira Vier-
ze. Vão laborar, a cachaça ;
Bebos, mulher, a cachaça ;
mas está-se pororando muito
bem.
Uma pitada, conselheiro.



Waldemar



Para rir.—Dão-se casos tão divertidos n'esta santa terra parvoneza, que parecem inventados de proposito para a nossa folha. Pertencem de p' ao direito á comedia portugueza... com ou sem maiusculos.

Sabem os leitores, e tambem não ignoram as leitoras, que existe ali um certo cartapacio chamado—Codigo Civil. Sabem tambem, ao menos por ouvir dizer, ou por lhes ter tocado por casa, que, segundo resa esse cartapacio rebarbativo e feroz, quando um filho menor quer casar e o respectivo pae diz—não—outro remedio não ha senão esperar pacientemente, ou que o papá se resolva, ou que chegue a idade feliz de... mandar passear o papá.

Quantas de vós, leitoras gentis,—ou mesmo menos gentis—vos tendes cansado a tentar diluir em lagrimas esse *não* desolador. E quantas tambem, ó doces virgens nubeis, tendes lançado mão de expedientes mais ou menos agradaveis para o inutilisar.

Deixemos porém os philosophos discutir com o seu vagar a justiça ou as vantagens d'esse despotismo paterno, e vamos ao nosso caso comico.

No ministerio da marinha fizeram-se ha dias—olhem que foi ha dias, menos dias do que tem de annos o tal código—uns concursos publicos para os logares de escrivães de direito no ultramar. Ora um dos pontos a que os candidatos tinham que satisfazer n'esse concurso era:—fazer um *alvará de supprimento do sentimento paterno para casamento de menor!!!*...

Parece que um dos candidatos teria escripto á margem do ponto, e em lugar do alvará pedido, esta nota reveladora:—Não existem taes alvarás, porque a legislação patria não admite tal supprimento.

Estupefacção geral na secretaria, desde o abalisado juriscunsulto que fizera os pontos até ao preclaro ministro que os approvara! Nunca se ouvira lá aquillo!...

E porque não ha de a gente rir-se?!

Deus Nosso Senhor dê annos de vida e melhor logar ao generoso desconhecido, que teve a misericordia de ir evangelisar o Codigo Civil áquelles inficis. Amen.



O problema.—Enlouqueceu completamente no Limoeiro o varino que assassinou o cunhado.

O nosso amigo Paschoal tem duvidas. E' muito sceptico o Paschoal.

Uma receita contra este scepticismo.

Encerrar o varino e o sceptico no mesmo calabouço.

Até que o sceptico se dê por convencido.



Um folhetinista fossil.—Depara-se-nos n'um jornal da provincia, como um mastodonte enterrado nos gelos da Siberia, um escripto antediluviano d'um folhetinista tropical e imaginoso, cujo estylo repolhudo e opulento faz lembrar uma floresta virgem, onde ha uivos nocturnos de feras amorosas e gritos de macacos mordidos de lascivia. Aquelle estylo, escorraçado pela troça dos centros civilisados, refugiou-se nas alturas da Guarda, graças á facilidade das communicações, e tropeja d'ali, como do alto d'um Sinai, envolto em fumarada de trapos e em pavores biblicos de rhetorica patriarchal. Imagine-se que o homem, pare fallar de batatas, termo cujo plebeismo lhe torna vedados os salões aristocraticos do folhetim, exprime-se d'esta arte:—*raiz tuberculosa e farinacea d'essas fecundas plantas solaneas, que tão bem se dão com o clima frio da Beira—!*

Ora isto é que se chama nobreza de estylo, e o mais é historia!

Está a extinguir-se este genero litterario e d'aqui a alguns annos quem quizer regalar se com um bocadinho d'esta prosa succollenta, como orelheira de porco, tem de a ir procurar ás collecções preciosas dos jornaes de 1850, ou ser assignante das gazetas da Guarda e outros burgos obscuros, a não preferir ler no *Diario das Camaras* as estreias parlamentares dos bachareis premiados na Universidade. Mas este ultimo expediente é violento e perigoso, porque ameaça de rupturas pela hilaridade.

Quem por isso fôr, como nós, apaixonado do genero, leia os folhetins dos jornaes da Guarda, firmados pelo extraordinario estylista Mendo Bem, um pseudonymo, provavelmente, que está denunciando as doçuras d'um temperamento de litterato, doce e bucolico como um xarope de amoras.

Delicioso e suave Mendo Bem, escreve folhetins, meu amor; regala-nos com a tua prosa, meu favo de mel. Escreve, meu cherubim, escreve e trata da caspa.





Tendo recebido um attencioso convite para a festa que Coimbra projecta fazer em honra de Joaquim Martins de Carvalho, o decano dos jornalistas portuguezes, não podendo ir assistir á justa homenagem dos artistas de Coimbra, os redactores da *Comedia Portugueza* protestam d'aqui a sua adhesão ao testemunho de louvor prestado ao caracter do homem, aos altos merecimentos do colleccionador infatigavel e á altivez, tanta vez provada, do jornalista.



Pastoral.—Vae sair uma do prelado lisbonense, vulgo o Patriarcha, dirigida aos parochos, a fim de que estes incutam no animo dos suicidas o horror ao suicidio, que no dizer do prelado supra é um attentado contra a religião.

Veja sua eminencia se mette no animo dos desesperados o amor á vida. Acuda-lhes com os soccorros da egreja, mas não em rezas. Coisa que se veja, e aos famintos coisa que se coma.



São Martinho.—Um nosso leitor catholico —temol-os de varias religiões, bemdito seja o Deus de todas e o de cada uma! — pergunta-nos se é decoroso alliar ao nome de um santo a ideia de um periodo de bebedeiras e de scenas escandalosas.

Nós respondemos: E' indecorozo em face da Egreja e á luz das crenças respeitaveis do catholico; mas talvez se encontre, no arripio historico ou legendario, o vinculo que estreita o nome do santo e a pandega a que se allude.

Vamos arripiar eruditamente.





Uma nota curiosa.—Diz um collega: «O sr. visconde do Rio Sado, queixou-se á policia, hontem, no Colyseu de Lisboa, de que lhe haviam furtado d'um bolso do collete, uma bolsa com algum dinheiro, sendo lhe pouco depois entregue por umas senhoras que a acharam no camarote onde o sr. visconde estava gosando o espectáculo.»

Tem graça. O sr. visconde é juiz e deve conhecer bem a força das phrases.

Se sua excellencia se queixou de que lhe haviam furtado a bolsa e essa bolsa appareceu no camarote, d'onde gosava o espectáculo, com senhoras, deve concluir-se que ha camarotes, no circo, que palmam bolsas.

Ou senão, vista a queixa do juiz, como explicar o apparecimento da bolsa n'esse sitio?

Sr. juiz, não se insulta assim, irreflectidamente, a honra ... d'um camarote.

União.—Uns operarios, é sabido, acharam um dinheiro. Seria justo que não apparecendo o legitimo dono d'esse dinheiro, pertencesse este aos operarios.

Mas não é legal.

Vae o dinheiro para o commissariado.

D'alli para a Boa Hora.

Aqui gira pelos diversos districtos.

Regressa ao commissariado.

Vae para a administração.

Não se sabe para onde irá. Vão meditar os praxistas.

No emtanto, os pobres diabos que o acharam não terão talvez pão em casa, nem roupa para agasalhar os filhos, nem dinheiro para o senhorio.

Está nos a parecer muito burlesco e um pouquinho indigno.

Salvo opinião em contrario.



Emfim!—Um homem que está sempre para sair, desde que entra, é o sr. visconde de S. Januario, ex-ministro da guerra.

A demissão e a agua circassiana tral-as sempre comsigo, nas algibeiras das calças, o que lhe arredonda os seductores quadris.

Ora se pinta para agradar, ora se enfeita—para sair.

De repente, sae!

Ha outra couza medonha n'este varão: é que está sempre para entrar—desde que sae.

Talvez ainda mais medonho!

Ficam!—Na camara municipal o sr. Palha, aggravado, recorre aos meios extremos. O meio extremo é assim uma especie de centro esquerdo.

S. Ex.^a arremessou ao espanto dolorido dos seus conterraneos a bomba da sua demissão explosivel a um mez de praso.

Nas pizzas d'este vulto primacial da camara—portas a dentro—os collegas da commissão executiva tomaram freio nos dentes e—zás!—Borrabinhas explosiveis a tres dias.

E um e outros quedaram-se na magestade senatorial, á espera de que lhes cortassem as espoletas ás bombas, bem entendido.

Mas como ninguem cortasse as dos imitadores do grande homem, cortaram-n'as elles. **Ficam.**

Pelo que toca ao immenso, espera; e dado que lhe não correm a espoleta corta-a elle. **Fica.**

Nós tambem ficamos, sem que nos cortem cousa alguma.



Hypnotismos.—Outro cavalheiro que fica é o sr. Das.

S. ex.^a parece ter descoberto em nós o *sujet-povo*, depois de haver descoberto em Hespanha o *sujet-individuo*.

Tendo começado a exhibir os seus meritos nas salas democraticas da rua dos Mouros, passou aos theatros e d'alli aos salões da finança.

A' ultima hora temolo em plenos dominios do sr. Marquez da Foz.

Este nome symbolico faz correr calafrios pela espinha dos patriotas. Se o hypnotismo do sr. Das é materia susceptivel de alta exploração, temos syndicato em scena.

Uma aposta fazemos nós com o sr. Das:—Que não é capaz de adormecer o nosso senhorio, na vespera do dia 25, a prazo de tres a quatro mezes.

Nem a elle—nem a nós!



Publicações recebidas:—Recebemos e muito agradecemos um folheto intitulado *L'union méditerranéenne*, de mr. Gromier. E' uma importante publicação, feita recentemente em Paris, e que nos foi offercida por intervenção do nosso amigo Dr. José de Castro. D'ella fallaremos mais de espaço, porque bem o merece.

Recebemos tambem um delicioso calendario para 1889, offerecido a esta redacção pelo nosso amigo Pereira Vianna, proprietario do importante estabelecimento de papelaria sito na rua da Prata 66 e rua dos Retrozeiros 61. E' um trabalho primoroso de phantasia, que constitue um lindo ornamento para escriptorio. Agradecemos.





Semana pouco fértil em acontecimentos. Um esplendido sol jorrando os seus raios de ouro pela Avenida, pelas ruas da capital e pelas *toilettes* das elegantes que vão em romaria ás lojas de modas e confecções; alguns suicídios, por onde se vê que a despeito das grandes conquistas da sciencia, dos grandes deslumbra-mentos das industrias e das riquezas accumuladas pelo commercialismo e pelo financeirismo d'este seculo, alguns individuos menos optimistas preferem as doçuras do eterno somno ás torturas d'esta

vida febril que para ahi vai atrophiando as raças, e... e pouco mais. Ah! esqueçiamo-nos do caso d'aquelle cão que nem pelos diabos podia admitir que o dono o desprezasse.

Foi assim: Certo sujeito foi a Cacilhas levando o animal consigo para o deixar por aquelles desertos da Outra-Banda. O sujeito teve a immodestia de suppor-se mais intelligente que o cão, visto não lhe passar pela cabeça que este poderia muito bem metter-se em qualquer dos vapores da carreira e voltar para Lisboa.

E foi o que elle fez. Embarcou no mesmo calhambeque em que se embarcou o dono, já se vê, sem este dar pela cousa.

A meio do rio, quando o bruto, isto é, o homem percebeu que o animal fóra mais intelligente que elle, agarrou-o pelo cachaço e atirou-o ao Tejo.

E o cão toca a nadar e a seguir a *chocolateira*, esfalfando-se, matando-se por amor ao dono. Até que os passageiros fizeram parar o barco, salvaram o cão, e prenderam o bruto... o rei da creação.

Historia vulgar, dirão os leitores.

Foi, foi. Foi vulgar quando entre os homens havia bons sentimentos — a amizade, a gratidão, o respeito mutuo, a dignidade.

Mas os senhores não veem o que por ahi vai? Syndicatos, assassínios, roubos, suicídios, o desvergonhamento das mulheres, a impudicia dos homens, o desejo immoderado das riquezas, o afrouxamento dos laços affectivos, a ironia deante de algumas manifestações de virtude, o desprezo pelos humildes, e a descrença geral, que faz com que a sociedade actual ande como ás apal-
delas?



Pois o caso d'aquelle cão, se não o tomarmos como ensinamento, é ao menos um espectáculo consolador no momento em que os sentimentos affectivos se afundam escarnecidas pelas gargalhadas de uma sociedade que leva o seu impudor até ao cynismo.

O caso de mais sensação foi a chegada da Rainha.

Ella que para alguns é um culto é para outros uma curiosidade.

E ao passo que a Avenida está quasi deserta n'estes dias em que o céu se tem mostrado de uma limpidez uniforme e banal, como o peitilho de camisa de um *gommeux*, Santa Apolonia encheu-se de gente endomingada, que foi vêr com os seus proprios olhos, se a Rainha que vinha seria a mesma Rainha que foi.



Ouviu-se ao longe uma corneta, soando com voz monotonica e prolongada; depois um morteiro que rebentava envolvendo o apito do comboio n'um côro de estalos seccos; impellidos por mécha traiçoeira, os leques dos foguetes dispersaram furiosos, silvantes, pelo ar enfumado, enquanto a machina arquejante, cheia de sopros, tumida de gazes, entrava brutaemente sob a arcada da *gare*, levantando com as patas circulares um plan plan metallico, como se um cyclope batesse com um malho colossal a tampa d'uma cisterna.

A recepção de Sua Magestade pareceu-nos amesquinhada, pela forma.

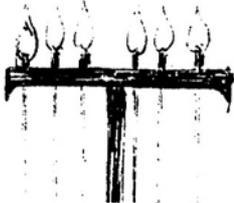
Esperar uma rainha, fazendo estalar no ar duas duzias de bombas de pataco, francamente, não nos pareceu processo á altura do actual gabinete, elle que segundo dizem os regeneradores, e os da esquerda e os republicanos, lá para festas de espavento, tem dedo e tem dedo porque não olha a despezas.

D'esta vez foi economico. A recepção ruidosa de Sua Magestade, no que diz respeito a manifestações aereas, não excedeu o custo de seis duzias de foguetes de tres repostas.

Vós bem sabemos que o foguete, é o fiel amigo da alegria portueza.

Sem elle não ha cirio que preste, arraiaí que agrade, alegria que dure, banquete que apeteça, anniversario que tenha geito; mas tambem sabemos, quanto se tem rebaixado a importancia pyrotechnica d'este mercenario, fazendo o subir á frente de qualquer «illustre deputado», em marcha triumphal pelo circulo; de qualquer presidente da camara opposicionista e vencedor da eleição e, o que é mais, de qualquer páu de fleira!

Ora, realmente, saudar a chegada d'uma Rainha ao seu paiz pelo mesmo processo porque se annuncia a chegada d'uma viga de pinho ao seu logar, devemos confessar que é d'uma pobreza tal de imaginação, que está a requerer, com a maior pressa, um poeta salvador no seio do ministerio. Resultados de estar vaga a lyra da Marinha e Ultramar!



Uma menina, que estava deante de nós a roer as unhas, de chapéu á tyroleza e farripas volantes, avisou sollicita o grupo rumoroso:

—Olhem, lá desce a Rainha.

Sua Magestade descia, n'esse momento, da carruagem.

Vimol-a atravessar a fila dos corteijos que se inclinavam para lhe oscular a mão patricia, e entrar no salão de espera.

Então a multidão moveu-se, ondulou, espraçou-se nas salas, engrossou nos corredôres de passagem, salpicada pelas cores variadas dos uniformes, dos penachos, das bandas.

Na passagem, pudemos observar o rosto de sua Magestade. A rainha sorria ligeiramente para o seu povo, com um d'estes risos que escondem um aborrecimento invencivel. Ao entrar na sala dos despachos uma voz levantou um viva.

Sua Magestade agradeceu commovida, para o lado da sala, onde se empinava um grande caixote, tendo na lombada:—Ex.^{mo} sr. Emygdio Navarro, ministro das obras publicas.

Este sub-titulo (pensamos-nós) traz agua no bico.

Seguiam-n'a sua alteza o principe D. Carlos e sua alteza a princeza D. Amelia. Ao chegarem á porta da sahida, os foguetes do largo estalaram nos ares, e enquanto a Rainha descia o primeiro degráu, sua alteza a princeza D. Amelia sorria alegremente, a antegostar o prazer de futuras girandolas.

Se era por isto, gentil princeza, que V. Alteza descance, ha-de ter foguetorio.

Este bom povo portuez tem sempre, para os seus reis, um foguete para a chegada, um cantinho no album da familia e uma lagrima na morte!

Povo de poetas e de mandriões; um mixto de Cezar de Bazan e de Pangloss; um empregado publico que se desdobrou em quatro milhões de individuos.

Conte V. Alteza com o foguete do futuro; atreve-mo-nos a garantir lho.



Mas o que sobretudo nos deu no góttto foram os chapéus armados.

Não se imagina a que gráu de decadencia e de despellamento chegaram os bicornes portuguezes. São verdadeiros antepassados, cortezãos encanecidos no serviço dos paços, de plumagem amarella e bordos calvos. Faz vontade de lhes perguntar em quantas dynastias empinaram as prós chatas ao serviço dos reis? Quantos seculos de comprimentos e de apertos na axilla lhes debotaram a penugem arqueada e amoleceram a rigidez do papelão, coberto de castór?

Oh! chapéus armados da nossa patria, chapéus dos nossos maiores, chapéus hierarchicos, restos veneraveis de antigas familias, triangulos symbolicos, de barbas amarellas e bordos ratados, como provocais a lagrima, ó venerandas reliquias!



Pelas sogras.—O nosso bom collega *Diario de Noticias* é, como se sabe, conservador entre todos; e talvez o unico em cujo conservantismo se pôde acreditar sem reservas.

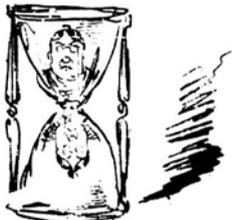
Na sua qualidade de *ignorativo*, como as varias instituições que nos regem, suas proximas parentes quanto ao systema intuitivo, a sua prosperidade, a sua existencia meêsmo, dependem essencialmente da conservação do existente, e o seu ideal—se elle quizesse dizel-o!—seria que a evolução entre nós nunca passasse d'esta fluctuação serenâ e poetica da creada que se oferece e da cosineira que se precisa.

Pois esse bom e honrado conservador pèrmittit-se de quando em quando publicar aneddotas como esta:

«D. Manuel Pereira, fidalgo muito conhecido em Lisboa, detestava profundamente sua sogra. No dia da acclamação de João IV, encontradto-o na rua uns populares perguntaram-lhe:

—Quem vive, sr. D. Manuel?

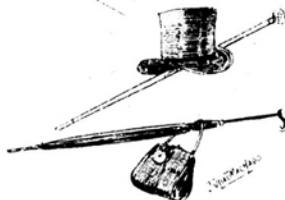
—Vive minha sogra, e, por mal dos meus peccados, ninguem vive mais do que ella.»



E' isto bonito?.....

Nós temos sempre suspeitado que este collega, aliaz superior a toda a reprehensão quanto a intenções ordeiras e pias, não pos sue comtudo noções muito claras acerca de varios problemas moraes. Pois como se pôde admittir que um bom conservador, para quem deve ser veneranda e sagrada a *familia*, base indispensavel de toda a sociedade culta, esteja assim fazendo uma propaganda subversiva contra essa instituição providencial? Para que serve estar esgaravatando na historia da depravação moral factos tão velhos como a Restauração, e que só servem para provar que já então, ha dois seculos e meio, era tão vulgar entre nós, tão natural, tão corrente os genros odiarem as sógras que d'isso se fazia alarde publico?

Odiar as sogras ainda se admittit: se é certo que não pode provar-se que todas tenham propinado acido prussico aos respectivos genros; o que não pôde duvidar-se—ai de nós!—é que todas lhes tenham propinado as filhas. Mas fazer d'esse odio espirito, graça, aneddota, é o que não admittiremos a ninguem, e muito menos ao *Diario de Noticias*. Por isso deixaremos aqui o nosso protesto.



P. S.—E tanto mais é para censurar o procedimento do collega, que elle tinha obrigação de saber que aquella regra, exemplificada no seu Manuel Pereira, está hoje consideravelmente modificada.

E' notavel que no mesmo dia em que o collega deserte: rava a sua aneddocta, uma augusta princeza se encarregava de lhe dar o troco, beijando com effusão (vidé *Novidades*) e publicamente, a sua formosa nóra. Dir-nos-ha que este caso não invalida a regra, porque constitue uma excepção. Mas se é certo que nem a todos é dado ter uma ógra real, essa differença é bem contrabalançada tambem pelas circumstancias verdadeiramente heroicas, em que aquelle caso se deu.

A sr. D. Maria Pia teve a coragem—veja o *Diario de Noticias!*—de beijar com effusão uma nóra, que alem de representar para ella uma corrente, tem ainda o defeito de ser... já não diremos muito mais formosa, mas pelo menos muito mais nova do que ella!

Se isto não é sublime, não sabemos então em que possa consistir o heroismo d'uma sógra.



ALMA E CORPO

Na providencia
De tanto biltre portuguez,
Ou hespanhol,
Sob este sol,
Severa e caíma
A Providencia
Dispoz e fez
Que a palavra alma
Fosse anagramma
De lama.

E Satanaz,
O velhacaz,
Na previsão de tanto alcouce,
Por epigramma
Dispoz e fez,
Lá do seu órco
Onde arde o pez,
Que o corpo fosse
Justo anagramma
De pórcro.

Fernando Leal.





Amor e fé.—Esta epigraphe saiu-nos bonitinha, mesmo porque e singela. O caso é que é um tanto complicado.

A Carolina da Assumpção, rapariga fresca e assás apeteçível, pertence ao numero d'aquellas a quem muito será perdoado porque muito amou.

Muito e a muitos!



Fatigada de amar no mundo, voltou-se para Deus. Mas esse bem-amado fia mais fino e pelo ordinario sae-se mal de cabeça a tontinha que desacerta em conquistal-o. Carolina caiu na tentação —e no abysmo.

Foi terça feira que a pobresita se arrastou á igreja do convento das Trinas para commungar. Approximou-se da meza, ajoelhou, e quando o patriarcha se approximava com o pão eucharistico, a infeliz perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, enlouquecera!

No commissariado de policia, enquanto se procede ao exame medico, Carolina dirige a palavra a um dos empregados da secretaria:

—Estás triste, José? Porque? Tens falta de dinheiro?

Uma outra pessoa disse-lhe que o individuo que ella suppunha ser José não estava triste.

Ella replicou logo:

—Não fallo comsigo.

—Mas este senhor encarregou-me de responder por elle.

—Pois faz mal: cada um encarregue-se de si, que já não faz pouco. Lá o disse Deus Nosso Senhor.

E depois rapidamente:

—Ó José, eu já n'algum tempo te amei?

—Não.

—Ora essa! Então não sei como isto é! Sim, porque eu sou uma mulher, uma mulher que tem amado toda a vida!

Aqui tomou o tom de pregador, e, fallando alto:

—Louvado seja Deus nosso Senhor. Não sou peccadora. Quem é peccadora... quem é peccadora... quem é peccadora... nunca esquece no mundo o filho da Virgem... o filho da Virgem... o filho da Virgem...



Depois, logo n'outro tom:

—Amei muito o Antonio de Carvalho, muito! Mas de quem eu gostava devéras era do Manuel Rodrigues Teixeira...

E retomando logo o tom de sermão:

—Aqui ha de vêr-se a verdade... a verdade... porque a verdade é a filha de Deus... de Deus... de Deus!

Vendo que nós fallavamos com um dos empregados e tomavamos apontamentos:

—O que dizes tu, irmão? Vae escrevendo, vae escrevendo, que é muito notavel a vida de Carolina da Assumpção... da Assumpção do Senhor... do meu rico Senhor da minha alma.

As imagens adoradas de Teixeira e de Carvalho parecem lutar ainda no espirito, entenebrecido da infeliz, para apagarem a temerosa imagem de Deus. Lá deu hontem entrada em Rilhafolles a pobre Carolina. Na igreja das Trinas interrogámos um padre, que nos respondeu, d'olhos em alvo: — «Mysterios da justiça de Deus!» Parece-nos absurdo o commentario, pois que o padre tem obrigação de saber o que Deus faz, e se o sabe não existe o mysterio.

Mas talvez não saiba! Mas talvez se não trate de justiça divina, mas sim de velhacaria humana!

Vamos lá a interrogar os Santos Padres sobre as manhas dos padres menos santos...

Primeiro *interview* com S. Jeronymo.

E para a semana a reportage competente.



Confronto-se.—«Uma comissão de damas de Berlim offereceu á actual imperatriz da Allemanha um avental de seda branca, tendo bordados os nomes dos seus cinco filhos.

A imperatriz agradeceu o brinde nos seguintes termos:

O brinde que me fazem é uma honra para mim: prova-me a confiança que em mim teem, pois o avental tem sido de todos os tempos o symbolo da verdadeira dona da casa allemã.

E pondo o avental, a imperatriz acrescentou:

—Meu marido deseja que eu ande sempre de avental, e portanto o presente que me fazem é-lhe tão agradável a elle como a mim.»



Perguntem ahi a qualquer menina d'uma nobreza de quinze dias, ou á filha de qualquer burguez ricaço, se ella sabe pôr um avental! Um avental! é boa. Se as senhoras devessem pôr em casa um avental para tocar piano, o que haviam de pôr as creadas quando manipulassem as almondegas?

Esta seria a resposta d'uma menina portugueza educada pelos nossos gloriosos processos pedagogicos.

Esperamos que na criação dos futuros lyceus femininos, haja programma de cadeira de chimica culinaria.



A festa de Coimbra.—Foram déveras imponentes as festas com que a cidade de Coimbra honrou o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Comimbricense*. Todas as classes se associaram gostosamente áquella homenagem de consideração prestada a um velho jornalista erudito e batalhador, que pelo seu trabalho conseguiu sahir da sua modesta posição de artista para a de um escriptor, que não tem muitos que se lhe avantejam no conhecimento da historia portugueza d'este seculo.

O sr. Joaquim Martins de Carvalho pertence como jornalista ao genero *liberal-constituição*, acreditando ingenuamente que a liberdade é uma figuracão divina, que se incarnou por obra e graça do sr. D. Pedro IV no corpo humano da sr.ª D. Maria II, que Deus haja. Fez por isso uma guerra crua aos Cabraes, que comparou rhetoricamente a todos as despotas de que résa a historia, e não vê com bons olhos os jacobinos contemporaneos, posto que os não deteste tão cordealmente cómo detestou os sobreditos Cabraes. Como jornalista, elle faz os mais sinceros esforços por se apumar na rigidez inflexivel dos incorruptiveis e dos puros liberaes de 1820, e por isso fulmina de adjectivos todos os despotismos abstractos e todas as corrupções administrativas; mas a par d'isso é nimiamente condescendente com as opiniões ordeiras do seu assignante, pessoa que elle respeita e acaricia mais do que á proprie effigie da sr.ª D. Maria II, sua ama e senhora.

Um ministro qualquer agradeceu-o um dia com um habito de Christo. Invocando a memoria de Passos Manuel, o sr. Joaquim Martins de Carvalho regeitou heroicamente a graça, que lhe pareceu pecuniariamente um pouco pesada, mas mandou encaixilhar economicamente o *Diario do Governo* em que a sobredita graça lhe 'era concedida. A par d'estas pequenas cousas, o sr. Joaquim Martins de Carvalho é um jornalista sisudo e erudito e um velho respeitavel e respeitado. Foi portanto justa e merecida a homenagem com que o honraram.



Um grande desgosto, terrivel e inesperado, veio perturbar as alegrias domesticas do nosso excellento amigo e illustre director litterario d'esta folha, o Dr. Marcellino Mesquita. Uma encantadora creança de cinco mezes, que constituia o dóce enlevo do nosso amigo e de sua ex.ª esposa, pois que era o unico fructo da sua tão sorridente união, succumbiu em poucos dias, victima de uma implacavel enfermidade, sem que lhe pudessem valer os recursos da sciencia e os dedicadissimos esforços dos que a ella recorreram.

O genero d'esta publicação não é de molde a alongarmo-nos em considerações sobre a enormidade da cruciante dôr, que n'este momento opprime o coração amantissimo d'aquelles desolados paes. Dir-lhes-hemos apenas que quem escreve estas linhas sabe, por uma dura experienci a, avaliar bem esse profundissimo desgosto, e por isso se dispensa de lhes dirigir consolações banaes.



—Ha mais d'um anno assim, mirando a prumo.
O ente idolatrado, em quem resumo
As minhas mais ardentes ambições!

—Por isso... quanto soffro e me consumo!
Ah! mas escuta, Hypolitho! Presumo...
Que vão trocar-se as nossas posições!

Jodo de Deus.

Vergonhas.—A filha d'um negociante de S. Pedro do Sul, que fugiu de casa para entrar n'um recolhimento de irmãs da caridade, enviou a seus pais a seguinte carta:

«*Meu pae e minha mãe.*—Dêem muitas graças a Deus por me trazer para o numero de suas esposas, felicidade que não merecia. Eu sahi d'ahi sem lhes dizer nada para me não embarçarem. Como sabem, o meu esposo é Jesus; eu com elle quero viver, e com elle quero morrer. Eu, em sair d'ahi sem lhes dizer, não lhes desobedecei, porque vim para o serviço de Deus; n'isso não lhes devo dar desgosto, antes muita consolação. Estão realizados os meus desejos n'este mundo, pois vivo no paraizo da terra, onde uma alma se pôde chamar verdadeiramente feliz.

Adeus, até ao céu, onde espero vel-os, louvando eternamente a Jesus Christo.

Este mundo é um desterro, a nossa patria é o céu.—*Maria da Graça.*»

Faz vontade de perguntar se em Portugal ha ministros que tenham filhas, ou se tendo-as lhes não passa nas espinhas um frémito d'angustia, perante essa dôr suprema dos pais a quem roubam as filhas!

O sr. Marquez de Rio Maior tinha razão. Ninguem se atreve a expulsar o jesuita clandestino, de Portugal. Ninguem! sobretudo se elle dominar a velha fidalga do burgo, que representa cem votos. Que miserriima politica, senhores!



O golpe que feriu o nosso director litterario, surpreendendo-o em meio do seu trabalho para este jornal, privou-nos d'uma parte importante da sua valiosa collaboração. Por isso este numero se resente, como é natural, da precipitação com que foi concluida a secção litteraria, pelo que pedimos aos nossos leitores se dignem relevar-nos das muitas lacunas que necessariamente hão de encontrar.

S. L.



Publicações recebidas:—Fomos brindados com uns exemplares do excellente *Almanack Illustrado* feito sob a direcção de F. Pastor. E' uma publicação utilissima e muito interessante, pela variedade dos assumptos e pelo primor das suas magnificas gravuras. Um verdadeiro *bijou* litterario e artistico.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Recebemos mais, e muito agradecemos:

O discurso proferido no parlamento pelo sr. deputado Eduardo Villaça, nas sessões de 8 e 9 de maio de 1888, ácerca das obras do porto de Lisboa.

E a *Illustracion Musical*, esplendida revista illustrada, que se publica em Barcelona, sob a direcção dos srs. Torres y Sigui.



Flores!—Pois que chega o inverno teem a palavra as flores. S. Carlos hoje, os bailes amanhã.

Para as formozas, para as *frescas*—estímulo, pela concorrência.

Para os velhos, como nós—chamada á ordem em pé d'alferes. E, todavia, somos generaes—pelo rheumatismo.

Lembramos a florista do largo das Duas Igrejas, entre a ourivesaria Leitão e a igreja do Loreto. E' a primeira e a ultima; e seria a primeira ainda mesmo não sendo a unica.

O CONTO DO FIM

